

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

COTIDIANO E SEXUALIDADE NO BRASIL COLONIAL

LAYANE DE OLIVEIRA CARVALHO¹

MOAB CÉSAR CARVALHO COSTA²

AFILIAÇÃO

¹Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras - R. Godofredo Viana, 1300, Centro, Imperatriz - MA, 65900-000.

²Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras - R. Godofredo Viana, 1300, Centro, Imperatriz - MA, 65900-000.

RESUMO

A presente pesquisa dedica-se a estudar as relações entre religião e sexualidade no cotidiano do Brasil colonial. Nessa perspectiva, para melhor compreender o contexto, realizamos uma análise da constituição da sociedade colonial, apresentando os aspectos sociais e religiosos transportados pelo colonizador, bem como as dificuldades encontradas nas condições de viver na colônia, tratando de elementos como mobilidade e dispersão, moradia, diversidade populacional e a configuração em que se construiu a teia de relações entre os grupos que formaram o corpo social da colônia. Nas análises do cotidiano das vivências e das sexualidades, utilizamos a vasta bibliografia existente, bem como documentações da época, destacando relatos e correspondências jesuíticas, registros de viajantes e fontes inquisitoriais - confissões e denúncias dos processos relativos à visitação do Santo Ofício à Bahia em 1591. Assim, realizou-se a leitura e análise com base nos conceitos de *estratégia* e *tática* de Michel de Certeau (1998), na teoria do campo religioso de Pierre Bourdieu (2007) e na análise de Michel Foucault (2011; 1988) acerca do caráter da confissão no cristianismo, bem como de sua concepção sobre o campo da sexualidade enquanto potencial para as relações de poder. Assim, buscaremos salientar os mecanismos de imposição e controle da cultura do cristianismo romano por parte da Igreja Católica sobre o chamado “Novo Mundo”.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil Colônia; Igreja Católica; Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Estudar a sexualidade no Brasil colonial passa necessariamente pela compreensão do processo de formação do povo brasileiro e de sua matriz religiosa. Nesse sentido, é preciso compreender os sistemas de regras, valores e comportamentos que foram socialmente impostos,

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

bem como os mecanismos utilizados pelo conjunto da sociedade para burlar tais imposições. No epicentro desse contexto histórico encontramos a Igreja Católica, responsável pela legitimação simbólica do empreendimento colonial.

Nesse sentido, essa pesquisa compreende o campo da sexualidade a partir de Michel Foucault (1988, p. 98), para quem a sexualidade aparece como um ponto de passagem entre as relações de poder, como entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre padres e leigos, entre administração e população. A sexualidade é, portanto, um dos principais instrumentos para a garantia de poder, utilizada como ponto de apoio e articulação das mais diversas estratégias. Aliado a isso, entendemos o cotidiano segundo Michel de Certeau (2014, p. 97-102), como um complexo de relações que se constroem sobre *estratégias* e *táticas*, sendo, para o autor, a *estratégia* o lugar de poder que possibilita a dominação e a *tática* os métodos utilizados pelos subjugados para resistir através das falhas do próprio sistema imposto.

No que se refere às documentações, esse trabalho valeu-se de registros, relatos e iconografias produzidos no espaço-tempo em que essa temática está inserida, assim, destacamos obras de José de Anchieta, Manuel da Nóbrega, frei Vicente de Salvador e Pero Gandavo, mantendo a ortografia e pontuação dos textos de acordo com as edições que foram utilizadas. Além disso, utilizou-se também de documentações produzidas pelo Tribunal do Santo Ofício, em específico, as confissões da primeira visitação realizada à Bahia em 1591, sobre as quais dispomos de Michel Foucault (2011, p. 168) para compreender o caráter da confissão enquanto instrumento de vigilância e garantia do poder religioso no cristianismo, o qual é, para o autor, uma análise interpretativa de si mesmo, em que o indivíduo é testemunha contra si. Assim como, o monopólio da Igreja Católica sobre os bens de salvação é compreendido como a dominação do campo religioso Ibérico, a partir de Pierre Bourdieu (2007).

Este trabalho é inspirado, portanto, nos estudos sobre o catolicismo e seus métodos impositivos de poder e controle sobre a moral, as práticas sexuais e a vida íntima e privada, relacionados ao cotidiano do período colonial brasileiro. Analisar os sistemas de regras, leis e valores impostos relacionados à sexualidade, as condutas dos indivíduos, ajustados ou não, e a atuação da Igreja Católica na gestão do poder simbólico na colônia é nosso objetivo principal neste trabalho. Finalmente, esta pesquisa está inserida na Nova História Cultural, apoiada em um diálogo interdisciplinar com áreas como antropologia, sociologia e filosofia, dentro do

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

domínio da História das Religiões e das Religiosidades, bem como da História da Sexualidade e da Igreja Católica como reguladora da moral e da conduta.

Entende-se que a problemática aqui desenvolvida é relevante para uma discussão sobre o sistema de poder religioso impresso no Brasil colonial, bem como dos valores e métodos de seu projeto moralizante sobre as práticas e comportamentos. Para o desenvolvimento da problemática, partimos das seguintes questões: Quais as relações entre religião e sexualidade? Quais formas de controle do uso do corpo foram utilizadas na colônia pela Igreja Católica?

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de natureza exploratória de caráter exclusivamente bibliográfico. Para tanto, dispomos de diálogo com a historiografia já posta, em que destacamos autores como Ronaldo Vainfas, Luiz Mott, Anita Novinsky e Mary Del Priore, que se dedicaram em investigações sobre os elementos do cotidiano colonial. Aliado a isso, foram utilizadas documentações variadas, com destaque para aquelas produzidas no primeiro século da colonização (séc. XVI): relatos e correspondências jesuíticas, registros de viajantes e fontes inquisitoriais - confissões e denúncias dos processos relativos à visitação do Santo Ofício à Bahia em 1591.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As condições de existência na colônia eram, em muitos aspectos, de extrema divergência da Metrópole. Em território desconhecido, foram necessárias adaptações para a sobrevivência e expansão interiorana pelo português habituado à dinâmica urbana europeia. Ainda que, à vista dos elementos que marcaram o modo de vida dos colonos, seja difícil determinar padrões semelhantes de vivências e hábitos nas esferas do urbano e rural, é possível tratar dos componentes que lhes perpassam.

Fernando Novais (1997, p. 21) salienta que, a América portuguesa foi marcada por uma economia colonial predatória e itinerante, voltada para os ganhos econômicos, o que promoveu a contínua dispersão populacional no território, nutrindo um ambiente de precariedade e instabilidade social. O método de exploração trouxe grandes deslocamentos populacionais, promovendo um estado de mobilidade caracterizado pela constante chegada de novas pessoas e contingentes através do mar. Esse aspecto de mobilidade, associado a certeza

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

de algo provisório, dificultaria o processo de estabelecer relações e o desenrolar de uma vida cotidiana.

Em consonância, Emanuel Araújo (1997, p. 31) aponta que, por pelo menos mais de um século, a colônia era para os colonizadores algo provisório. Buscava-se o enriquecimento rápido e um retorno para a Metrópole ainda mais breve. O sentimento de pertencimento a Portugal permaneceria entranhado em tudo o que faziam e almejavam os colonos, figuras de autoridade ou não. Esse sentido provisório que se deu à América portuguesa implica na compreensão de que os lusitanos não planejavam fazer da colônia sua casa, e isso determinaria todas as suas relações, que seriam, portanto, motivadas pela ideia da descoberta e dos ganhos que a terra proporcionaria, o que nisso incluíam os povos a qual pertenciam, o “gentio”, o “negro da terra”, bem como os africanos escravizados.

Os artefatos materiais, a exemplo dos móveis, por sua vez, foram raros até o século XVIII, predominando, no lugar de camas, a rede, de fácil montagem para cômodos únicos que possuíam diversas funções e ideal para o transporte nas constantes viagens, artefato este que, segundo Pero Gandavo (2008, p. 55), apropriaram os colonos dos indígenas. Dentro dessas condições, a estrutura de casas e moradias eram também precárias. Faltava na colônia tudo aquilo que o europeu conhecia sobre a vida na metrópole.

As casas dos homens pobres e livres, e por vezes, também as casas de homens de título, consistiam em choupanas com um ou dois cômodos em que se realizavam as diversas atividades diárias, como dormir e cozinhar, abrigando famílias e por vezes, um ou dois escravizados. Já as casas dos indivíduos mais abastados, contavam com mais divisões, mas que nem por isso se garantia a privacidade, tendo em vista o grande fluxo de pessoas, servos, escravizados e agregados, parentes e visitas (ALGRANTI, 1997, p. 99).

Em vista disso, a privacidade colonial esteve condicionada aos olhares curiosos de vizinhos e membros domiciliares, de maneira que, a sexualidade estava dispersa pelas matas e rios, presente como um segredo nas choupanas e casas-grandes, bem como nos mosteiros, conventos e confessionários. A nudez era rara na maioria das relações sexuais, tendo em vista a já mencionada falta de privacidade nos poucos cômodos que eram para muitos. Para além disso, a sexualidade também estava limitada à imposição do modelo de vida conjugal determinado pela Igreja, o casamento monogâmico e indissolúvel.

Com relação a isso, um dos elementos mais importantes a se ressaltar, é a diversidade das populações na colônia. Passam a coexistir os povos originários, os europeus e os africanos

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

escravizados. Esses grupos e seus próprios segmentos internos, são constituintes do arranjo em que se formam as relações cotidianas da América portuguesa. Grupos que, por sua vez, estabeleceram-se em uma relação de clivagem social entre os que dominam e os que são dominados, constituindo-se enquanto sociedade estratificada, em que se separavam os indivíduos entre os aspectos legal e racial: senhores, livres e escravizados, brancos, negros e indígenas, bem como os intermediários homens livres pobres e pequenos produtores. Essa divisão é determinante para as vivências do cotidiano e seus elementos, como organização da estrutura familiar e moradia, assim como a vida privada e a sexualidade (NOVAIS, 1997, 27).

Nesse sentido, a miscigenação é uma via de mão dupla na colônia: se por um lado, foi um meio de aproximação, como quis Gilberto Freyre, por outro, decorreu de um intercurso de dominação entre o colonizador branco e as mulheres indígenas e negras escravizadas (NOVAIS, 1997, p. 29). Em suas cartas, Nóbrega lamentava-se da preponderância das relações informais em detrimento do casamento, tratando da miscigenação e da poligamia indígena. Os jesuítas almejavam instituir a estrutura familiar segundo o modelo europeu estabelecido pelo cristianismo, o matrimônio monogâmico e indissolúvel, mas foram poucos os homens que trouxeram mulheres e filhos, enfrentando a carência de mulheres brancas na colônia, o que aponta como um dos propulsores das relações entre o europeu e as mulheres indígenas e negras.

Assim, relacionavam-se os colonos em uniões conforme a cultura indígena, poligâmica e aberta a separação, aqui vivendo “[...] segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres” (NÓBREGA, 1889, p. 54). Diante disso, Nóbrega (1889, p. 98) indicou a solução para tais problemas: mandar meninas órfãs e, se preciso, prostitutas da metrópole, e isto solicita várias vezes a D. João, enfatizando o valor que se dava às mulheres brancas em detrimento das mulheres negras e indígenas. Logo, ao passo que a mulher branca era o ideal para casar, os gestos e palavras obscenos eram dirigidos às mulheres negras e indígenas, que dentro da estrutura da sociedade colonial, eram objetos de trabalho e exploração sexual, marginalizadas por sua condição feminina, racial e servil.

No que diz respeito a poligamia indígena, as más impressões dos missionários sobre isso estão vinculadas ao moralismo católico que seria imposto pela catequese e pelos homens da Companhia de Jesus, cuja missão era civilizar e educar segundo os princípios cristãos, dedicando-se não somente à conversão das almas, mas também, sobre os comportamentos, as condutas e os costumes. Assim, sobre a vida sexual, esperava-se apenas o casamento monogâmico com vista à procriação, condenando as relações por prazer. Em vista que o

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

matrimônio monogâmico e indissolúvel havia sido sacralizado pelo Concílio de Trento, a poligamia dos indígenas era, portanto, um dos empecilhos para a catequização, impossibilitando a conversão e o batismo dos adultos, prejudicando assim o sucesso da obra missionária (MOREIRA, 2018, p. 33).

Para o colonizador, as práticas sexuais dos povos indígenas eram atos desavergonhados e libidinosos, entendendo a poligamia como relações sem compromisso e validade. Esse julgamento pode ser explicado pelo reflexo negativo do Eu, processo de alteridade desenvolvido por Todorov (2003), em que o branco europeu associa aos povos que encontra na América, tudo aquilo que ele não é e que, por isso, lhe é ofensivo. A construção de uma narrativa de promiscuidade e devassidão, principalmente sobre as mulheres Tupinambás, foi basilar para justificar a intervenção política e religiosa sobre a organização social dessas etnias, que, associado aos relatos de antropofagia, promoveu a desumanização desse Outro, seguido da demonização de suas culturas segundo a filosofia cristã maniqueísta do bem e do mal, em que as diferenças eram traduzidas como desvios da fé.

Entretanto, pode-se comprovar toda a sorte de práticas sexuais condenadas pela Igreja entre os próprios colonos vindos do reino lusitano, a partir das documentações do Tribunal do Santo Ofício, como as confissões, que se fez presente na América portuguesa através de visitas. No tocante as confissões inquisitoriais que se referem às práticas sexuais, destacam-se os casos de sodomia, que na primeira visita à Bahia, de 1591, somam-se em 19 casos. Não ironicamente, Luiz Mott (1999, p. 6) já havia dito: “Bahia rima com sodomia”; a documentação inquisitorial comprova que a Bahia não era apenas de todos os santos, mas também dos sodomitas, onde se encontraram, inclusive, certo número de clérigos presentes na mesa do inquisidor para confessar o dito crime sodomítico.

Entre eles, o padre Frutuoso Alvares, natural de Braga, vigário de Matoim, que aos 65 anos, foi o primeiro colono da Bahia a confessar-se à mesa do visitador Heitor Furtado de Mendonça, em 29 de julho de 1591, sendo, portanto, o primeiro homossexual do Brasil a enfrentar a justiça inquisitorial. Ao visitador, declarou que, ao longo dos 15 anos em que estava na capitania da Bahia, teve relações sexuais com pelo menos 40 homens, abraçando, beijando e tendo os chamados “tocamentos torpes” e desonestos nas suas naturas (como se referiam às partes íntimas), revelando também os cometimentos traseiros (sexo anal) em que foi “agente e paciente”, ou seja, penetrando e permitindo ser penetrado (MOTT, 1999, p. 18).

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

CONCLUSÕES

Dentro do espaço dessa pesquisa, não se pretendeu dar conta de uma recuperação total do cotidiano e da sexualidade no Brasil colonial, haja vista a diversidade de contextos e núcleos que se desenvolveram dentro dessa sociedade, o que não seria possível colocar nos limites de tão poucas páginas. Tão somente buscou-se evidenciar as influências e poderes de uma doutrina religiosa que se dedicou a estabelecer seu domínio dentro desse território a partir de elementos e práticas que compõem a vida ordinária.

O estudo das práticas sexuais perpassa diretamente pela formação da sociedade colonial e do conjunto de sistemas de regras, valores e comportamentos estabelecidos pelo português carregado de crenças e ideias veiculadas à vida no reino lusitano, que, por sua vez, estava fundamentada no cristianismo católico. Portanto, encontra-se a Igreja Católica no âmago do processo histórico colonial como responsável pela legitimação simbólica do projeto colonizador, no qual a fé em Cristo estava intrínseca às concepções de vida e costumes, éticas e morais do homem europeu.

Em vista disso, investigar a sexualidade nesse espaço-tempo não significa pesquisar apenas condutas consideradas desviantes, mas compreender os diversos aspectos das relações sociais dentro dessa sociedade. Consideram-se as *estratégias* utilizadas pela Igreja Católica para exercer um efetivo controle sobre seus membros, mas é possível observar que esse objetivo não foi plenamente consolidado, nem mesmo sobre seus agentes, de forma que as regras tridentinas e as ameaças que emanava do tribunal inquisitorial não impediram que práticas e comportamentos ditos desviantes, fossem habituais.

Assim, esse trabalho nos permite vislumbrar o cotidiano do Brasil colonial: os amores, os casamentos e adultérios, os modos de morar e dormir, redes e esteiras, casas compartilhadas com os de dentro e os de fora, bem como, nos aponta Vainfas (1997, p. 16), um tipo de memória individual capaz de guardar detalhes de 3 a 20 anos atrás, mas que não é capaz de lembrar-se de nomes e idades de forma precisa. Para o autor, e concordamos com ele, isso é, então, como uma viagem no tempo.

APOIO FINANCEIRO

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA.

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARAÚJO, Emanuel O. **O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**. República Federativa do Brasil, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. / introdução, organização e seleção Sergio Miceli. – São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CARTAS, INFORMAÇÕES, FRAGMENTOS HISTÓRICOS E SERMÕES, de Joseph de Anchieta (1554-1591), (notas de A. de Alcântara Machado), 1933.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- DA NÓBREGA, Manuel. **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Cartas Jesuíticas I. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional: 1886.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: excertos**. Organização de Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil**. -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.
- MOTT, Luiz. **Dicionário Biográfico dos Homossexuais da Bahia (Séculos XVI-XIX)**. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.
- PRIORE, Mary Del. **Histórias da gente brasileira: volume 1: colônia**. – São Paulo: LeYa, 2016.
- VAINFAS, Ronaldo. **Confissões da Bahia: santo ofício da inquisição de Lisboa/ organização Ronaldo Vainfas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.